



Com o Félix de Ferro

Na prisão de Siedlce
O astrônomo, o sonhador das estrelas,
O puro revolucionário Felix Dzerzhinsky
Encontrou e esteve na mesma cela
Com Anton Rossol, o educador de operários
Rossol sabia de cor o primeiro volume d'O Capital
E sua memória privilegiada
Só era superada por seu talento pedagógico
Seu prazer era ensinar operários semianalfabetos
Que através de sua palavra alada,
Seus olhos de fulgurante azul,
Aprendiam o que era a mais-valia
E o papel do valor equivalente na luta encarniçada
Félix que havia escassos três anos
Escapara das mãos da tuberculose
Compreendeu que ela devorava Anton
Seus olhos de fogo já não eram os olhos do professor
Sua palavra falha, engolfada pelo sangue,
Não podia reproduzir os cursos de Kráassin e de Lênin

Mas o batalhador incansável não podia
Abandonar os seus
Não sabia abandonar os seus
Anton queria ver os pátios
Anton queria ver as árvores
Mas não podia aproveitar o banho de sol
Já não podia caminhar...
Por isso, o camarada Félix
Passou a ampará-lo em cada saída
Até levá-lo, sob pancadas,
Para fora, para o banho de sol
Para chapotear, pelo menos com os olhos,
Na lama com que o degelo a tudo cobria...
Sim! Anton morreria na prisão
Ali, longe dos seus familiares,
Longe de seus operários
Morreria aquele herói da classe
Com apenas vinte anos...
Mas não morreu só
Não morreu apenas apodrecendo
Num enxergão daquela prisão suja
A cada banho de sol ele saía
Levava-o às costas o prisioneiro Félix
Cambaleante e famélico
Também ele tão recentemente tísico
Tivera a sorte de ser enviado à Suíça
Para tratar-se
Só por isto podia agora estar ali,

Junto a Rossol

Para caminhar as escadarias,

Galgar as pedras irregulares

Daquele palácio do ódio

Levar às costas o companheiro Rossol,

Que lhe perguntava:

“Está bonito o dia?”

“Estão bonitas as árvores?”

“Ouves cantar o tordo da primavera?”

Wilson do Nascimento Barbosa

(Sábado, 15 de março de 1980)